Franklin Tavora

A Redacção da «Revista do Instituto do Ceará» tem recebido, varias vezes, de diversos pontos do País, pedidos de dados acerca de Franklin Tavora, o illustre romancista do Norte, nascido no Ceará e intellectualmente robustecido em Pernambuco, o estado irmão, cujos destinos politicos temos acompanhado, como que por uma determinação ineluctavel. Por isso, resolvemos extrahir de um estudo publicado na «Revista da Academia Cearense» (tomo IX—1904) pelo Dr. Clovis Bevilaqua, o eminente socio do Instituto, as *Notas Bio-bibliographicas* referentes ao grande romancista. Pode-se tambem, e com grande proveito, consultar o *Diccionario* do nosso venerando Presidente, o sr. Barão de Studart. Preferimos Clovis Bevilaqua apenas como uma homenagem á sua excelsa personalidade.

João Franklin da Silveira Tavora.—Nasceu em Baturité, estado do Ceará, no dia 2 de Janeiro de 1842 (1). Foram seus paes o major Camillo Henrique da Silveira Tavora e d. Maria de Sant'Anna da Silveira.

Ainda muito verde em annos veio para Pernambuco, acompanhando a familia paterna, que para aqui

(1) ESCRAGNOLLE TAUNAY, no discurso commemorativo, proferido em sessão do «Instituto historico e geographico brasileiro», diz em 13 de Janeiro («Revista trimensal» do mesmo «Instituto», vol. 51, p. 351 e segs). SACRAMENTO BLAKE no seu «Diccionario bibliographico brasileiro» e o Barão de STUDART no seu «Pequeno diccionario bio-bibliographico cearense» («Revista da Academia Cearense», tomo VI, p. 97) consignam a mesma data.

Mas em nota que me forneceu pessôa da familia, encontro a data que se lê no texto acima. LOPES MACHADO («Revista do Instituto Archeologico Pernambucano», n. 36) guarda silencio a respeito.

transferira os seus penates. Em Pernambuco, portanto, formou-se o seu bello espirito, e é por isso que nos seus romances resumbram, cantam, brilham alegres ou choram magoadas as lendas e tradições da terra pernambucana.

Mas, uma vez por outra, os olhos d'alma se volviam amorosos para o esbraseado solo cearense, ou em uma referencia de livro destinado a outro assumpto ou na intenção de erigir-lhe um affectuoso monumento de arte, como é esse poema dos «Indios do Jaguaribe».

As suas aptidões literarias revelaram-se muito cedo e ostentando, nesses primeiros surtos, vigor tão grande que, devemos suppor, se tivessem encontrado mais benignas condições existenciaes, haveriam de produzir fructos mais viçosos pela concepção e pelo apuro da forma do que esses livros, aliás muito valiosos, que o esforço e a boa vontade conseguiram arrancar á adversidade.

A primeira producção literaria de Tavora, que impressionou a sociedade recifense, foi a *Trindade maldicta, contos no botequim* (Recife, 1861) (1), imitação de Alvares de Azevedo.

Por alguns annos foi extraordinario o prestigio de Alvares de Azevedo entre os moços. Sua musa tetrica vibrava notas estranhas, mas tam profundamente humanas, que perturbavam a alma sensivel dos jovens que se sentiam attrahidos pelas enganosas seducções da gloria literaria.

E todos elles, vendo o mundo atravez de «Byron», «Shelley», «Sand», «Musset» ou «Espronceda», iam compondo ensaios desse feitio particular em que foi mestre insigne o poeta melancholico da «Lyra dos vinte annos» e phantasioso escriptor do «Macario» ou das «Noites da taverna».

A influencia de Alvares de Azevedo sobre Franklin Tavora parece ter sido profunda. Além dessa manifestação mais pronunciada que o auctor não desestimava, quando já se lhe haviam dilatado os conheci-

(1) Em nota ao estudo critico de MACIEL PINHEIRO, que precede «Um mysterio de familia», 2.ª edição, prometteu TAVORA uma reedição desse escripto «escoimada das impurezas e fealdades da primeira». Não teve, porém, opportunidade para cumprir a promessa.

mentos e a cultura, podem apontar-se trechos, em outros escriptos, onde o estylo recorda a modalidade do paulista.

Eis aqui um desses trechos: «Um dia Perez entrou em casa, rubro de colera; Perez era o meu amante. Quanto te deu esse homem com quem passeiaste hontem ? perguntou-me. Não respondi. Sobre um divan estava um florete com que elle costumava esgrimir com alguns amigos. Munida dessa arma, parti para elle. Perez riu-se; era um riso hypocrita, de fazer horror. Ah! finges-te offendida! me disse elle. E não me respondes? Mas eu sei que te vendeste. Esse homem era meu amigo. Contou-me tudo e depois... matei-o. Assim concluiu, e rapido, sua mão estalou-me no rosto. Cahi para levantar-me logo. Perez tinha-me cuspido na face. Quando procurei feril-o com a lamina, elle disse: Não é muito que vendas uma face á infamia, quando é certo que vendes o corpo inteiro. Atirou-me uma bolsa cheia de dinheiro e desappareceu». (1)

Accrescente-se que fala uma actriz, num circulo de companheiros de classe, a beber cognac, e teremos bem caracterizada a eschola.

Mysterio de familia, drama em tres actos, foi escripto quando o auctor ainda não havia transposto a quadra dos dezoito annos e, segundo nol-o informa, desconhecia inteiramente a literatura dramatica. (2) Foi extraordinaria a excitação cerebral de que resultou este drama, composto em dez dias. Levado a scena em 1861, foi publicado no anno seguinte.

Ernesto Biester («Revista contemporanea», Abril de 1862), notando-lhe alguns defeitos, dirige palavras de animação ao auctor e reconhece que a acção se desenvolve com a precisa naturalidade.

Na segunda edição, que é de 1877 (Rio, Typ. do Imperial Instituto Artistico), foram corrigidos os principaes defeitos dessa primeira leitura açodada. «Por indicação da critica, adverte-nos o dramaturgo, fiz grandes correcções e, por meu proprio impulso, muitos accrescentamentos. Imaginei scenas

(1) «Mysterio de familia», 2.ª ed., p. 86.
(2) «Op. cit.», p. IV.

inteiramente novas e até um novo personagem. Dessas scenas, algumas estão figurando no lugar das que me pareceu serem defeituosas ou fracas; outras estão servindo de elo a lances que se não prendiam senão por meio de rudes transições.» (1).

Os *Indios do Jaguaribe* vêm á luz em 1862 (Recife). São um extenso romance da eschola indianista, em quatro volumes, e tendo por thema a expedição de Pero Coelho ao Ceará em 1603. E' um trabalho de valor em que o estudo muito auxiliou a concepção, e é pena que a sua segunda edição, impressa na typographia do «Jornal do Recife» em 1870, não tivesse ido além do primeiro volume.

Foi este escripto que determinou a lamentavel desintelligencia aberta entre Tavora e Alencar, quando aquelle galgava os primeiros degraus da carreira literaria e este já attingira ao esplendor de sua gloria com o «Guarany», a «Iracema» e outros primores d'arte que o sagravam o vulto mais elevado do romantismo brasileiro.

Araripe refere-me o caso por este modo. Tendo Alencar recebido o romance de Tavora, lêra-o com muita curiosidade e interesse, annotando á margem os trechos que lhe haviam merecido maior reparo, no intuito de responder ao novel escriptor, agradecendo-lhe a offerta e dando-lhe a sua opinião sobre o valor do trabalho.

Essa resposta, no entanto, por motivos que não desconhecem os que têm occupações literarias, demorou-se mais do que era de esperar. Susceptivel, como todo artista, o auctor dos *Indios do Jaguaribe* sentiu-se do silencio e não tardou em transformar essa magoa em irritação, quando um amigo lhe informou que o glorioso cearense lhe havia desapiedadamente analysado a obra, resumindo o seu parecer num dicto caustico: «taes indios precisam ainda de ser descascados!»

A intriga era calumniosa, mas produziu a explosão das «Cartas de Sempronio» e de artigos de jornaes em que, noticiando as producções do grande

(1) Prologo cit., pag. V.

romancista, se tentava mostrar os «progressos da decadencia do escriptor» (1).

A «Casa de palha» appareceu em 1866. E' um romance de costumes pernambucanos, do qual me fala Araripe Junior como de uma leitura que lhe despertou gratas emoções e que lhe deixou no espirito apagada reminiscencia de onde, comtudo, se exhala o perfume da sympathia. «Desse trabalho, cujo valor não sei hoje medir, são suas palavras, guardo apenas uma idéa vaga de familiaridade ingenua com a pobreza de nossas classes populares, taes quaes se afiguravam, por aquelles tempos, aos poetas e romancistas, isto é, cheias de virtudes, de abnegação resignada, de dignidade tanto no amor como no odio»(2).

De 1869 temos, ainda no Recife, «Um casamento no arrabalde», que, em 1881, foi reeditado no Rio (Imprensa Nacional). Depois do fallecimento do auctor, em 1903, a casa Garnier deu uma terceira edição desta graciosa novella escripta em estylo facil e vivaz, *historia do tempo em estylo de casa,* diz a folha de rosto do opusculo.

Com a designação de «Tres lagrimas» publicou Franklin Tavora um drama em tres actos e sete quadros, em 1870 (Recife, Typ. Mercantil).

A sociedade cearense «Dezesete de Janeiro» fez as despesas da publicação desse drama, que anteriormente havia sido representado pelo celebre actor Antonio Augusto com grande exito.

Nas «Questões do dia», n. 5 (Rio, 14 de Setembro de 1871), começaram a apparecer, assignados por *Sempronio,* os estudos criticos sobre as *obras de Senio* que, mais tarde, foram reunidos em volume sob o titulo de «Cartas a Cincinato», Pernambuco, 1872.

De 1869 a 1870 redigiu Tavora com José Baptista de Castro e Silva a «Consciencia livre».

A 22 de Junho de 1872 põe em circulação o primeiro numero d' «A Verdade», "semanario consagrado á causa da humanidade", e que conseguiu manter-se até 29 de Setembro de 1873.

---

(1) «Verdade», n. 13, de 12 de Outubro de 1872; noticia acerca dos «Sonhos de Ouro». No mesmo jornal, numeros 15 e 16, encontra-se uma apreciação pessimista dos «Filhos de Tupan», assignada por Diogo Bernardes.

(2) Carta particular.

Tambem pode affirmar-se que estava terminada a sua missão, que era dar combate, em nome da maçonaria e do pensamento livre, aos planos de frei Vital, bispo de Pernambuco. Foi «A Verdade» uma das mais poderosas unidades bellicas de apoio ao governo civil na *questão religiosa*. Prohibindo aos fieis a leitura deste periodico, demonstrou o bispo, de modo bem significativo, o valor moral da propaganda que ia minando as bases do seu predominio.

Tavora, que em Pernambuco havia constituido familia, exercido a sua actividade politica, sendo eleito deputado provincial, e prestado bons serviços quer á administração como director da instrucção publica, quer á justiça na qualidade de curador geral dos orphãos, depois de ter desempenhado as funcções de secretario da presidencia do Pará, sentiu-se attrahido pela Côrte, que absorvia as mais bellas energias mentaes do Brasil, e para lá se transferiu, levando a alma cheia de esperanças na victoria das idéas que lhe agitavam a mente.

No Rio de Janeiro fez-se official da Secretaria do Imperio e continuou as lides intellectuaes que iniciára no Recife.

Assignalemos em 1876 o apparecimento do «Cabelleira» (Rio, Typ. Nacional), primeiro livro da literatura do Norte. A respeito deste livro foi divergente o juizo da critica fluminense. José Feliciano de Castilho, no «Jornal do Commercio», e outros o receberam com applausos; alguns, porém, recordando o rigorismo do critico de Alencar, esperavam uma obra que se impusesse ou pela concepção grandiosa ou pelo deslumbramento da forma.

Singela narração sem impolgantes lances dramaticos e sem aprimorados requintes de estylo, embora de linguagem fluente e pura, estava o «Cabelleira» bem longe de corresponder a essa espectativa antes hostil que benevola

No entanto não desanimou o intrepido escriptor. Antes com assiduidade maior se entregou ao trabalho e, em 1878, retirou do prelo o «Matuto» (Rio, Typ. Perseverança) (1), 2.° livro da literatura do Nor-

(1) A Casa Garnier publicou 2.ª ed. do «Matuto» em 1902.

te e, como o antecedente, urdido sobre acontecimentos da historia de Pernambuco, sobrando-lhe ainda o tempo necessario para editar na «Illustração brasileira» as «Lendas e tradições populares».

Em Maio de 1879 fundou a «Revista brasileira», editada por «N. Midosi», que teve existencia pouco longa, pois desappareceu com o fasciculo de Dezembro de 1881, mas incontestavelmente exerceu influencia benefica sobre a mentalidade brasileira, pelos excellentes escriptos que vieram brilhar em suas paginas e reflectir-se pelos diversos nucleos intellectuaes do Paiz. Silvio, com artigos notabilissimos sobre a «Poesia popular brasileira», a «Prioridade de Pernambuco no movimento espiritual do Brasil», e outros assumptos de interesse literario ou philosophico; Machado de Assis, com excellentes versos, as «Memorias posthumas de Braz Cubus» e a «Nova geração»; Taunay, Macedo Soares, Bellegarde, Carlos Perdigão, Luiz Delfino, Arthur Barreiros, Jansen, Sousa Bandeira, Pacheco Junior, Carlos de Laet, Annibal Falcão, com a «Plastica», e muitos outros vieram collocar-se ao lado de Tavora que, por sua vez, ia publicando o «Sacrificio» (1), o «Lourenço» (2), as «Notas bibliographicas», o estudo critico a respeito de Fagundes Varella (3), os «Patriotas de 1817» e outros valiosos trabalhos.

A Escragnolle Taunay se afigura que a «Revista brasileira» desappareceu porque "foi gradualmente apertando o circulo dos seus collaboradores, cahindo em poder de espiritos intransigentes e indisciplinaveis, embora valentes nas crenças e aggressivo labutar e, assim, perdendo em interesse e em numero de leitores, pouco dispostos a acompanhar e a dar alentos a violentas e interminaveis polemicas" (4).

Não me parece que seja esta a explicação do mallogro da tentativa. A causa é mais profunda, mais geral, e, por assim dizer, organica. O numero

---

(1) Vols. I e II. Não foi tirado em volume.
(2) Vols. VII, VIII e IX. Segunda ed. em 1881 (Typ. Nacional); 3.ª, 1902 (Livraria Garnier).
(3) Reeditado com o «Diario de Lazaro» do notavel poeta, Rio, 1880, Typ. Nacional.
(4) Discurso já citado, p. 357 a 358.

dos leitores permanentes ainda não é bastante para dar ás revistas literarias as larguezas de que necessitam para viver com independencia e sobranceria.

Desde 1880 Franklin Tavora fazia parte do Instituto Historico Brasileiro, sendo em 1881 eleito orador. Extincta a «Revista brasileira», a sua actividade encontrou naquella douta corporação e na sua «Revista Trimensal» o campo de que necessitava para expandir-se. Mas já a esse tempo a sua alma andava combalida pelo desgosto e a sua energia mental arrefecia envenenada pelo desalento.

Tendo-se voltado inteiramente para a carreira literaria, foi sempre, na Secretaria do Imperio, um funccionario de individualidade apagada, o que sobremodo o magoava, porque os companheiros intencionalmente esqueciam o lado brilhante do escriptor para somente salientarem a inaptidão do official.

Araripe Junior, que foi seu companheiro nesta quadra dolorosa, diz-me que essa situação de Tavora na Secretaria desenvolveu-lhe no espirito uma aversão incoercivel contra o trabalho, a que era forçado na repartição publica, afim de manter-se, pois que era pauperrimo.

Esta revolta do artista contra os amargores da existencia fel-o, um dia, dizer ao insigne collega que com elle descia as escadas da Secretaria:—«V. não imagina, Araripe, o prazer que sinto, quando batem tres horas e se encerra o expediente; experimento a mesma sensação que me invadia na eschola de primeiras letras, logo que o mestre dava o signal de descanso e a meninada corria para a rua a saltar, a berrar, a gritar, liberta da oppressão que causavam a ferula e o encerro durante as horas de lição (1).

A 18 de Agosto de 1888, acomettido de violenta hemoptyse, extinguiu-se em poucos minntos. A alma se lhe alquebrára na lucta e o corpo não pôde resistir ao desequilibrio das forças.

Deixou trabalhos ineditos.

Annunciava-nos o proprio auctor os «Picos», episodio de uma festa e «O pantano», epilogo de um drama.

---

(1) Carta citada.

Sacramento Blake refere-se a uma peça denominada «Antonio», que affirma ter sido representada por Furtado Coelho. Parece-me, no entanto, que ha equivoco em tal asserto. O «Antonio» posto em acção por Furtado Coelho é personagem de «Um mysterio de familia».

A carta do eximio artista, inserta nas paginas que antecedem a segunda edição deste drama, exclue qualquer duvida. Depois de ler o trabalho do dramaturgo cearense, o celebre actor escreve umas phrases transbordantes de enthusiasmo e conclue, exclamando:—"Tenho tanta vontade de representar o seu «Antonio» quanto é certo que jamais sellei com o meu nome uma lisonja". Em nota, o escriptor accrescenta:—"O Snr. Furtado Coelho representou o «Antonio», recebendo grandes applausos."

E' clarissimo: o «Antonio» de que se trata é o protogonista, a figura central do drama a que a carta se refere.